



LHM

HISTÓRIAS APAGADAS PELA DITADURA MILITAR: UMA ANÁLISE DO CONTO “JOANA”, DE BERNARDO KUCINSKI

Jéssica Casarin*¹

*Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

e-mail: msilviamart@gmail.com

Resumo: A Ditadura Militar ocorrida no Brasil é lembrada como um dos episódios mais marcantes no que tange à repressão, à censura e ao assassinato de inocentes do país. Nesse contexto, muitos foram os sujeitos que tiveram suas vidas apagadas, permanecendo apenas nas memórias dos que sobreviveram. Neste trabalho, realiza-se a análise do conto “Joana”, de Bernardo Kucinski, uma narrativa curta contemporânea que trata da busca de uma mulher por seu marido, vítima da Ditadura Militar no Brasil. Objetiva-se identificar os recursos estéticos adotados para representar o sofrimento de sujeitos anônimos que, de alguma forma, foram violentados durante este período ditatorial no país, além de perceber as aproximações entre literatura e História. Para sustentar a análise, são utilizados estudos de Paul Ricoeur (1997), Márcio Seligmann Silva (2003) e Linda Hutcheon (1991). Com o estudo, foi possível perceber que narrativas curtas como esta elaboram literariamente a construção de uma História que evidencia uma visão mais humana e sensível de situações vividas em contextos autoritários, dando voz a personagens e experiências anônimas, excluídas da História oficial. O conto evidencia, na sua estrutura, uma construção que se assemelha a uma História de amor, narrado linearmente por um personagem que observa, a certa distância, a dor e a resistência de uma viúva de uma vítima da Ditadura Militar brasileira.

Palavras-chave: Literatura. História. Ditadura Militar. Bernardo Kucinski.

Stories erased by the military dictatorship: an analysis of the short story “Joana”, by Bernardo Kucinski

Abstract: The military dictatorship in Brazil is considered one of the most remarkable episodes in terms of repression, censorship and the murder of innocent people in the country. In this context, the lives of many people were extinguished and remained only in the memory of those who survived. This paper analyzes the short story "Joana" by Bernardo Kucinski, a contemporary

¹ Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria, professora da rede municipal de Criciúma - SC. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0560102755173620>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8235-8633>. E-mail: msilviamart@gmail.com.



narrative that deals with the search of a woman for her husband, a victim of the military dictatorship in Brazil. The objective is to identify the esthetic means used to represent the suffering of anonymous subjects hurt during this dictatorial period in the country and to recognize the convergences between literature and history. Studies by Paul Ricoeur, Márcio Seligmann Silva and Linda Hutcheon are used to support the analysis. Based on the study, it was found that short story elaborate the construction of a history that shows a more human and sensitive view of situations in authoritarian contexts, giving voice to anonymous characters and experiences that have been excluded from the official history. The short story shows a construction similar to a love story told by a character who observes, from a certain distance, the pain and resistance of a widow of a victim of the Brazilian military dictatorship.

Keywords: Literature. History. Military Dictatorship. Bernardo Kucinski.

Introdução

A violência, de acordo com Jaime Ginzburg (1999), é um elemento constitutivo da cultura brasileira, uma vez que a História do país, em sua totalidade, pode ser contada através de momentos de repressão e de exploração. Partindo dessa perspectiva, a Ditadura Militar, ocorrida entre abril de 1964 e março de 1985, é lembrada como um dos episódios mais marcantes no que tange à repressão, à censura e ao assassinato de inocentes no país. Mesmo após mais de três décadas, as feridas deixadas pelas violências desse período continuam abertas aos que, de alguma maneira, foram vítimas diretas ou indiretas.

Somando-se a essa realidade, discursos de ódio e de repressão tomam um novo fôlego, propagados por lideranças políticas com grande campo de repercussão que desconsideram as atrocidades cometidas durante a Ditadura Militar e seus resquícios na vida e na memória das pessoas. Pensando nisso, é fundamental que continuemos a discutir e a provocar reflexões sobre o episódio, preservando e resgatando a memória de tantos sujeitos que tiveram suas vidas marcadas pelo sofrimento.

Nesse contexto, a literatura é importante para o debate sobre as violências e memórias, além da representação de sujeitos que não tiveram voz, mas que possuem marcas e traumas permanentes. A leitura de narrativas literárias é fundamental para o processo de sensibilização no leitor, uma vez que é chamado a sair de seu estado de receptor para sentir emoções, comover-se, chocar-se, incomodar-se, refletir. Ettore Finazzi-Agrò reconhece que é na literatura que a violência encontra sua possibilidade de manifestação mais pungente: “a violência como manifestação extrema e esmagadora do Outro nunca encontrou uma forma tão contundente de denunciar a opressão e o massacre dos inermes como aquela do discurso literário” (FINAZZI-AGRÒ, 2014, p. 180). Assim, é pelo seu potencial para a



denúncia e para a reflexão que se faz necessário, cada vez mais, discutir narrativas que tratem da violência ocorrida no Brasil.

Neste trabalho, analisa-se o conto “Joana”, de Bernardo Kucinski, presente no livro *Você vai voltar para mim e outros contos* (2014b), a fim de identificar recursos estéticos e temáticos adotados para representar o sofrimento de anônimos afetados pelo período ditatorial no país. Procura-se, ainda, discutir como essa narrativa elabora literariamente uma construção histórica que evidencia uma visão mais humana e sensível de contextos autoritários, dando voz a sujeitos que antes não eram ouvidos e funcionando como um caminho para a reflexão e sensibilização do leitor.

Inicia-se o trabalho a partir de considerações sobre aproximações entre literatura e História, refletindo especialmente sobre as possibilidades de resgates, por meio do texto literário, de narrativas históricas esquecidas através dos tempos. Além disso, também se debruça sobre como a literatura representa, no cenário contemporâneo, a violência e os traumas deixados pela Ditadura Militar brasileira. Por fim, analisa-se a narrativa literária “Joana”, buscando perceber como os aspectos teórico-críticos se relacionam com o próprio fazer literário de Kucinski, além da maneira como sensibiliza o leitor sobre a necessidade de não se esquecer de um período tão cruel e opressor da História do Brasil.

Literatura, História e Ditadura Militar

Para compreender a abordagem que a literatura faz do contexto da Ditadura Militar, um caminho fundamental é reconhecer as aproximações do discurso literário com o discurso histórico, que em certo ponto se imbricam. Isso porque toda manifestação escrita que se tem acerca de um dado contexto é uma perspectiva, um olhar do escritor sobre seu objeto, que pode deixar à margem muitos aspectos da História. Conforme salienta Ana Maria Colling (2004),

A História é feita por homens e mulheres a cada instante, no cotidiano de suas vidas e no palco político por eles montado. Muitas destas vivências ou atuações políticas perdem-se para sempre, acumulando-se aos silêncios, historicamente constituídos, porque a História tem sido parcial, silenciando ou escondendo sujeitos.

Na tentativa de corrigir a História, pluralizaram-se os objetos de investigação, admitindo como sujeitos históricos, os operários, os camponeses, os escravos e as mulheres, que estavam subestimados ou colocados numa arena de menor importância (COLLING, 2004, p. 01).



A parcialidade das narrativas historiográficas garante que, muitas vezes, sejam excluídas vozes e imagens distantes ou contrárias ao discurso hegemônico de uma sociedade. Assim, é preciso ter em mente que o discurso histórico que é veiculado como verdade única em livros, manuais didáticos e documentos oficiais pode não abranger todas as faces e dimensões de dado contexto. É por isso que surgem, em maior número na contemporaneidade, pesquisas e trabalhos que buscam estudar e resgatar a História de indivíduos anônimos, de pequenos grupos, trabalhadores que tiveram suas narrativas apagadas pela História oficial.

Paul Ricoeur (1997), ao discutir sobre o entrecruzamento da História e da ficção, reflete sobre a apropriação dos princípios de uma área para outra a partir de dois conceitos: o primeiro diz respeito à ficcionalização da História e se refere à associação da História com o que poderia ter sido, de maneira a não se distanciar do realismo, mas reconstituir o passado histórico. No segundo caso, o da historicização da ficção, reflete-se sobre como as narrativas ficcionais se apropriam de narradores para contar suas Histórias, observando que o ato de narrar é sempre uma ação no passado, associada, então, a uma perspectiva histórica. Assim, de acordo com o filósofo,

A História é quase fictícia sempre que a quase presença dos acontecimentos colocados “diante dos olhos” do leitor por uma narrativa animada supre, por sua intuitividade e sua vivacidade, o caráter elusivo da preteridade do passado, que os paradoxos da representância ilustram. A narrativa de ficção é quase histórica na medida em que os acontecimentos irreais que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor; é por isso que se parecem com acontecimentos passados e que a ficção se parece com a História (RICOEUR, 1997, p. 329).

Pode-se entender esse processo como uma transformação do tempo em tempo humano, sendo reconfigurado pelo ato de narrar e pela refiguração do próprio passado. A literatura que trata de eventos históricos, a partir das margens, de sujeitos anônimos, especialmente na contemporaneidade, tem um importante papel na reconstrução da História, que pode apresentar a visão distante dos protagonistas, figuras públicas e documentos oficiais. Essas narrativas são importantes para manter vivas as representações de vozes silenciadas, além de lançar um olhar crítico sobre o evento histórico narrado.

É possível aproximar tal percepção sobre a História com a própria Literatura, uma vez que as narrativas ficcionais são um caminho profícuo para garantir um foco sobre



personagens anônimos, como trabalhadores, amantes, educadores, etc. Isso evidencia a preocupação dos escritores com a denúncia da hegemonia de dado discurso e com o protagonismo de parcelas marginais da população. Nesse sentido,

Finazzi-Agrò (2014) considera que a “literatura cumpre um papel de suplência em relação à historiografia, [...] conseguindo nos entregar aquela verdade nefanda e interdita que o relato ou a crônica dos acontecimentos não podem e, talvez, não devem dizer” (2014, p. 182). Assim, o crítico aponta para as possibilidades do discurso literário como um caminho para preencher lacunas das narrativas oficiais, lançando olhar sobre as realidades que dela foram excluídas.

Ginzburg (2007) reconhece o papel político dos artistas que utilizam recursos narrativos para tecer novos discursos, para além dos textos oficiais, garantindo que se estabeleça um novo olhar sobre um momento traumático. Esse olhar pode ser voltado para as vítimas, com uma visão sensível ou brutal, que de alguma maneira reverberam no leitor, que não sai ileso diante de um texto ficcional. É uma garantia de esclarecimento que, diferentemente de documentos, não tem o objetivo final de serem despachados ou encerrados. A arte permanece na memória, em constante processo de ressignificação. Nas palavras do crítico,

Em um país em que as heranças conservadoras são monumentais, e as dificuldades para esclarecer o passado são consolidadas e reforçadas, o papel de escritores, cineastas, músicos, artistas plásticos, atores e dançarinos pode corresponder a uma necessidade histórica. Enquanto instituições e arquivos ainda encerram mistérios fundamentais sobre o passado recente, o pensamento criativo pode procurar modos de mediar o contato da sociedade consigo mesma, trazendo consciência responsável a respeito do que ocorreu (GINZBURG, 2007, p. 43-44).

A Ditadura Militar é um dos episódios em que a ação desses artistas é fundamental. Isso porque, ao contrário dos documentos oficiais, que deram por encerradas as discussões sobre tal período, esses produtores de cultura reconhecem a necessidade de mostrar, em muitas faces e perspectivas, os traumas e as cicatrizes que foram deixadas, marcando famílias inteiras por gerações.

Arelada a essa ideia de narração da História pela literatura está a metaficção historiográfica, um gênero textual e uma perspectiva sobre o texto pensada por Linda Hutcheon para dar conta de narrativas que surgem desde a década de 1960 como uma tentativa de revelar um novo olhar sobre um momento histórico, mostrando uma visão que



se difere daquela que é normalmente veiculada como História oficial. Nesse sentido, as narrativas ficcionais passam a dar espaço para sujeitos ou versões que antes eram segregados ou ocultos.

Entendendo que as narrativas oficiais também se tratam de versões narradas dos acontecimentos, é importante questionar sua veracidade, já que representam apenas uma versão, um olhar sobre o acontecido. É justamente este um dos pressupostos da teoria de Hutcheon (1991), já que a metaficção historiográfica parte da autoconsciência teórica sobre a História e a ficção como criações humanas, o que serve de base para a reelaboração das formas e dos conteúdos do passado.

Na metaficção historiográfica, então, não há nenhuma pretensão de mimese simplista, uma vez que a ficção é apresentada ao leitor como mais um entre os discursos pelos quais são elaboradas versões da realidade (HUTCHEON, 1991). Assim, há uma conseqüente percepção de consciência crítica acerca da manipulação que está por trás de cada perspectiva aparentemente dotada de neutralidade. Logo, a metaficção historiográfica retoma elementos da História passada, “para abrir o passado para o presente, prevenindo-o de ser conclusivo ou teológico” (HUTCHEON, 1991, p. 110).

Um último aspecto fundamental da teoria de Hutcheon para entender o conto analisado é o conceito de ex-cêntrico, que é definido pela autora como aquele que está fora do centro, às margens. Assim, a perspectiva se volta para a representação das minorias, atenta às vozes anônimas, às singularidades que encontram na literatura uma possibilidade para contar a sua História dentro da História, contrariando o impulso uniformizador da cultura de massa.

Embora Hutcheon demonstre sua teoria atrelada ao romance, como um conceito voltado para a ficção, é possível relacionar suas reflexões ao gênero conto, na medida em que muitos contos, especialmente na contemporaneidade, buscam resgatar recortes de períodos históricos sobre vozes ex-cêntricas. É o caso da obra de Kucinski, que constrói, nessa antologia, uma série de contos que mostram a Ditadura Militar a partir de outros vieses, como a visão das vítimas, diretas ou indiretas.

Pensando-se nesse contexto ditatorial brasileiro, a literatura, conforme expõe Márcio Seligmann-Silva (2008), é um meio de denunciar as atrocidades vivenciadas durante a Ditadura Militar e impedir seu esquecimento, uma maneira de dar voz a vítimas do impacto do trauma e apresentar uma posição sobre o conflito. Dessa maneira, desprendida da



pretensão de revelar o real, a literatura também se constrói como um espaço de exposição ideológica e de fazer político humanizado.

Essa busca por dar “voz aos sujeitos tradicionalmente ignorados ou silenciados” (GINZBURG, 2012, p. 200) é uma tendência na literatura contemporânea, já que há um afastamento do modelo tradicional do narrador, passando a ter um olhar descentrado e expondo a visão de personagens marginalizados. Dessa forma, a própria construção literária, em sua elaboração estética, se revela complexa e multifacetada, retomando a complexidade da estrutura social em que o sujeito contemporâneo se insere.

Para Ginzburg (1999), uma série de dificuldades histórico-sociais atingiu profundamente o sujeito, de forma que o uso dos modos convencionais de narrar seriam incapazes de acompanhar a singularidade e a dificuldade de uma situação traumática. Partindo desse pressuposto, aponta-se a validade de uso de formas não convencionais de escritura, como é o caso da narrativa que constitui o corpus deste trabalho, em que se reconhece um distanciamento do narrador com relação à cena narrada pela incapacidade da protagonista, que viveu uma experiência traumática, de narrar sua própria História.

Uma análise do conto “JOANA”, de Bernardo Kucinski

Bernardo Kucinski é um autor que escreve literatura sobre a Ditadura Militar de uma maneira sensível e multifacetada, o que pode estar diretamente relacionado à sua experiência pessoal. O escritor sofre com as agruras permanentes deixadas pela ditadura, já que sua irmã e seu cunhado foram presos, torturados e mortos no período. Um romance sobre o tema compõe sua primeira obra literária, *K. Relato de uma busca* (2014a), que, com tom testemunhal, aborda a busca de um pai para encontrar pistas sobre o desaparecimento de sua filha.

De acordo com Clarissa Loyola Comin (2015), “O autor recupera a aspereza do passado sem se aproveitar da literatura enquanto mera ferramenta de denúncia factual, demonstrando salutar consciência estética” (2015, p. 401). A pesquisadora destaca a importância da obra para salientar a face brutal de um período que nem todos reconhecem como uma passagem violenta na História do Brasil, potencializado pela própria escrita do autor.



Para o crítico Finazzi-Agrò (2014), apenas a literatura, seja na prosa ou na poesia, tem a potência capaz de gerar comoção e compaixão a partir do “inexplicável da violência, sem regra e sem medida, do homem sobre e contra o homem, se opondo assim ao dispositivo político-repressivo” (FINAZZI-AGRÒ, 2014, p. 183). Kucinski é um autor que compõe suas obras literárias dessa maneira, oscilando entre a violência brutal e explícita com as vítimas, como no conto “Você vai voltar para mim”, e os reflexos da violência naqueles que permaneceram, como é o caso da obra *K. Relato de uma busca* (2014a) e da narrativa que é abordada neste artigo.

O conto analisado faz parte da coletânea *Você vai voltar para mim*, de 2014. O livro possui 28 narrativas que revelam diferentes faces e resquícios da Ditadura Militar do Brasil. “Joana” é narrado por um advogado, que conta a história de uma senhora que sai pelas ruas durante a noite indagando aos moradores de rua sobre o paradeiro de seu marido, um militante que foi assassinado durante a Ditadura Militar. O narrador do conto, embora participe da história, ocupa um lugar de testemunha, de observador, distante do foco da narração. Nesse caso, ele observa a cena de longe e convida o leitor a conhecer a cena, como em uma conversa, e dando suas impressões:

Observem aquela mulher de lenço preto na cabeça, caminhando na calçada. Concordam comigo que parece uma pessoa comum? Que só chama a atenção por vagar sozinha tarde da noite, sendo idosa? Pois saibam que há uma História por trás das peregrinações dessa mulher. Sim, suas andanças na madrugada fria são verdadeiras peregrinações.

Uma ou duas noites por semana, ela junta algumas moedas e sai envolta em seu xale. Exibe a fotografia de Raimundo aos moradores de rua, pergunta se apareceu algum andarilho ou indigente desconhecido de mais idade e de tez branca. Se dizem que sim, ela quer saber debaixo de qual marquise ou em qual abrigo da Prefeitura ele está e vai atrás dele. No caminho vai deixando uma moeda aqui, outra aí (KUCINSKI, 2014b, p. 34).

Essa maneira de narrar, uma conversa próxima com o leitor enquanto observam a cena, proporciona, logo de início, uma visão mais intimista e aproximada, diferente do que se lê nos manuais sobre o período militar. Além de contribuir para a sensibilização do leitor, que se sente mais próximo e tocado pela cena e pela personagem, também há uma alusão à própria comunicação durante o período: apenas em conversas particulares e pessoais ocorriam trocas de informações sobre paradeiros de presos políticos, uma vez que os documentos oficiais e jornais, censurados e controlados, não continham a verdade.



A figura feminina, que é apresentada com um lenço preto na cabeça e comparada a um peregrino, de início, já revela o sofrimento de uma pessoa enlutada e inconformada com a notícia recebida há 26 anos, quando o atestado de óbito do marido foi dado a ela pelo governo. O narrador ressalta ao interlocutor o fato de sua trajetória ser desconhecida, o que reflete a realidade de muitas famílias que viveram dramas semelhantes: “Vocês nunca conhecerão a história dessa mulher, se eu não a contar, pois só sabem dela os indigentes, com quem vocês certamente não conversam e, no outro extremo social, alguns príncipes da Igreja e advogados ilustres, os quais vocês também não frequentam.” (KUCINSKI, 2014b, p. 34). É válido refletir, nesse ponto, sobre os papéis sociais que se entrelaçam na história da viúva, de um lado os moradores de rua, pessoas anônimas e que só possuem sua memória para auxiliar a mulher aflita, e de outro, dois representantes de grandes instituições sociais, a igreja e o direito. A busca da religiosidade representada pelos príncipes da igreja pode ser entendida como um caminho para alcançar a compreensão dos acontecimentos e confortar o coração angustiado, mas também pode revelar o anseio por uma alternativa às falhas da justiça humana: que seja feita justiça divina.

O narrador destaca que nós, leitores, não teríamos conhecimento da história da mulher, e a negativa absoluta por meio do termo “nunca” consolida a ideia de que não sabemos de muita coisa sobre o período de repressão política e possivelmente jamais saberemos. Ele revela seu conhecimento sobre a história de Joana, pois, por certo período, foi o advogado envolvido no caso, acompanhando mais de perto a busca por justiça e por provas:

O marido era metalúrgico e se chamava Raimundo. Católico praticante como ela. Vieram do Nordeste em busca de uma vida um pouco melhor em São Paulo. Já tinham então os dois filhos. Aqui Raimundo se ligou a um grupo da Ação Popular que organizava operários nas fábricas. Um dia, bem cedo, a polícia foi à casa deles e levou Raimundo. Sem mandado de prisão, sem nada. Soube-se depois que ele foi espancado de modo tão brutal que morreu no mesmo dia. Seus gritos eram ouvidos em outras celas. Para ocultar o homicídio, no caso doloso e qualificado, pois acompanhado do crime acessório de abuso de autoridade, a polícia cometeu outro crime, o de ocultamento de cadáver. Sumiram com o corpo de Raimundo (KUCINSKI, 2014b, p. 34-35).

Nesse trecho da narrativa, passa a ficar clara a relação direta da situação com a Ditadura Militar, uma vez que o marido, um sindicalista que organizava ações populares em busca de direitos trabalhistas, foi associado a incitadores de revolução e levado como



preso político, tendo sido espancado até a morte. A prática de ocultamento de cadáver era comum durante o período militar, uma tentativa de apagar a existência do sujeito, comentada por Seligmann-Silva: “negar a morte é negar o crime” (2003, p. 78).

O uso de termos próprios da área do Direito, como homicídio “doloso e qualificado”, revela a postura do narrador, que analisa o caso a certa distância e até com curiosidade. Essa perspectiva se opõe à da protagonista, que demonstra esperança e resistência. A escolha de narrador pode estar atrelada à negativa de Joana em aceitar o fim de seu marido, uma vez que se nega a acreditar no desfecho dado pelas autoridades. Além disso, a experiência traumática também pode estar diretamente relacionada à sua incapacidade de narrar, como é exposto por Walter Benjamin (1987) ao refletir sobre a pobreza de experiência comunicável sentida pelos sobreviventes de guerras.

A luta vivida pela mulher, em seu interior, pode evidenciar dois aspectos principais que, para além do conto, também são experimentados por aqueles que passaram por experiências semelhantes durante o período ditatorial no Brasil. Em primeiro lugar revela a situação em que muitos familiares das vítimas, sem saber do paradeiro de seus entes queridos, ficaram em uma constante incerteza (inclusive o próprio autor vive uma situação semelhante com a perda de sua irmã). Em segundo lugar, percebe-se a impossibilidade de se desvencilhar desse passado, prendendo-se a ele como uma boia salva-vidas que a impede de afogar-se na desesperança ou no esquecimento, aceitando seu marido como morto.

Essa ideia de não-esquecimento das dores vividas e das histórias das vítimas está diretamente associada à perspectiva de Seligmann-Silva (2008), que considera a literatura como um caminho para que a humanidade não esqueça e impeça que violências como essa voltem a acontecer. Uma expressão parecida marca o lema da Comissão Nacional da Verdade: “para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça”, reiterando a ideia de que, por mais tristes e dolorosas que sejam essas vivências, não se pode deixar que caiam no esquecimento.

Apesar de revelar um trauma pungente vivido no período, é preciso atentar para a semelhança da narrativa a um conto de amor e esperança, na medida em que a protagonista zela pelo seu amado mesmo sem ter provas de que continua vivo. Essa visão se confirma no último parágrafo do conto, quando o narrador revela sua sensibilização com a resistência da mulher, que, para além de um inconformismo, representa um ato de carinho que continua através dos anos:



Joana era jovem quando assassinaram Raimundo. Eu não a conheci nessa época. Dizem que era muito bonita e nunca quis outro homem. Sim, pensando bem, acho que essa é sobretudo uma História de amor, um desses amores intensos que nem o tempo nem a ditadura conseguiram extinguir. (KUCINSKI, 2014b, p. 35).

Um último aspecto que merece destaque é o comentário do narrador sobre a cena em que vê Joana questionar Chico, um apanhador de papel alcoólatra que mora na rua. O fato de o morador de rua ter um nome e uma história comentada, embora não seja o centro da narrativa, reafirma a ideia de dar voz e visibilidade para os anônimos, ex-cêntricos, pessoas que nunca tiveram oportunidade de serem ouvidas. Reitera-se a visão de uma História contada por outra perspectiva que não aquela veiculada nos manuais de História e disseminada pelos poderosos.

Assim, nesse conto, pode-se perceber uma perspectiva sobre a Ditadura Militar brasileira diferente daquela História generalista e isenta de qualquer posicionamento que é contada nos manuais de História, que tende a ser superficial, justamente por ser um tema delicado, recente e sem consenso. A narrativa revela a História de uma esposa de um militante torturado e morto que anseia encontrá-lo, já que não viu seu corpo, descartado em qualquer lugar como um objeto sem valor. Expõe-se a história de uma mulher anônima, dentre tantas com vivências parecidas, que teve suas certezas e seguranças completamente interrompidas por um regime cruel, mas que conserva seu amor e a esperança de um reencontro.

Também é possível compreender tal conto a partir dos conceitos de Ricoeur (1997) sobre as aproximações entre ficção e História, bem como de Hutcheon (1991) sobre metaficção historiográfica, já que tal texto literário se utiliza de construções como narração e a experiência do “como se” para construir uma narrativa com um ponto de vista acerca de um evento histórico, utilizando-o como cenário e condutor do enredo. Além disso, há a utilização do evento real não para uma simples reprodução de acontecimentos marcantes, mas para a reconfiguração de perspectiva. É nesse sentido que o conto “Joana” busca evidenciar um novo olhar sobre a Ditadura Militar, voltado para uma figura anônima e atribuindo a ela um nome e uma narrativa, afastando-se de qualquer estimativa numérica ou dados generalistas sobre o evento. É um resgate sensível e verossímil de tantas histórias que foram apagadas, ocultas junto com os corpos das vítimas de um período brutal do Brasil.



Considerações finais

Embora se perceba, na literatura e na Crítica Literária, a presença de importantes narrativas que tratam dos aspectos mais marcantes da Ditadura Militar no Brasil, a exemplo do texto analisado aqui, é importante apontar que é um tema que está longe de ser abordado ou compreendido em sua totalidade. Considerado um ponto particularmente obscuro da História nacional, não é incomum que o tema seja tratado com certo distanciamento em muitos contextos escolares, sociais e culturais, o que culmina, especialmente em gerações mais jovens, na falta de consciência sobre as atrocidades cometidas durante o período.

Finazzi-Agrò (2014) considera que, após décadas, esse passado atroz aparenta estar resumido em uma listagem fria de nomes anônimos, silenciando centenas de pessoas na História oficial. Apagam-se memórias vivas e recentes assim como o sangue é limpo e os cadáveres massacrados são ocultados. Uma reconstrução “imparcial” de autoridades simboliza essa perspectiva de distanciamento que ocorre com relação às vítimas desse período.

Para nos distanciarmos cada vez mais dessa visão impessoal e insensível acerca da Ditadura Militar, que subestima as dores e os traumas das vítimas envolvidas, é fundamental que continuemos explorando e denunciando as violências ocorridas no período. A literatura e outras artes, de maneira geral, são caminhos possíveis para trazer à tona muitas realidades não contadas nos documentos oficiais, resgatando a história de muitos personagens anônimos que viveram no período.

No caso da narrativa “Joana”, pode-se perceber que o texto marca a perspectiva de uma mulher que sofre a opressão vivida no período ditatorial, além de explorar, na sua estrutura, uma construção que se assemelha a uma narrativa de amor, mostrando uma perspectiva de terceiros sobre a resistência do sentimento em tempos difíceis e da vivência do trauma que se mantém viva. A narrativa também elabora uma visão pessoal e próxima do sofrimento gerado pelo período da Ditadura Militar, um aspecto importante para garantir a reflexão e o questionamento sobre o período.

Reitera-se a ideia de literatura como um caminho para a compreensão e denúncia de atrocidades que aconteceram na Ditadura Militar e outros períodos de repressão, uma maneira de manter viva a memória das pessoas sobre períodos traumáticos e lançar um



novo olhar sobre a narrativa histórica oficial. São discussões importantes para possibilitar a compreensão sobre o período, garantindo que novas atrocidades da mesma natureza não voltem a acontecer.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Paulo Sérgio Rouanet. (Obras Escolhidas; v. I). São Paulo: Brasiliense, 1987.

COLLING, Ana Maria. As mulheres e a Ditadura Militar no Brasil. **Centro de Estudos Sociais Universidade de Coimbra**. 2004. Disponível em:
https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Ana_Maria_Colling.pdf. Acesso em: out. 2022.

COMIN, Clarissa Loyola. Resenha Você vai voltar pra mim. **Revista Versalete**. Curitiba, v. 3, n. 4, jan.-jun. 2015. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol3-04/401ClarissaComin.pdf>. Acesso em: abr. 2023.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. (Des)memória e catástrofe: considerações sobre a literatura pós-golpe de 1964. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 43, p. 179-190, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4846002.pdf>. Acesso em: abr. 2023.

GINZBURG, Jaime. A violência constitutiva: notas sobre autoritarismo e literatura no Brasil. **Letras**, Santa Maria, n. 18/19, p. 121-144, jan./dez., 1999. Disponível em:
https://periodicos.ufsm.br/letras/user/setLocale/de_DE?source=%2Findex.php%2Fletras%2Farticle%2Fview%2F12080. Acesso em: abr. 2023.

GINZBURG, Jaime. Memória da ditadura em Caio Fernando Abreu e Luís Fernando Veríssimo. **O Eixo e a Roda**, v.15, p. 1-169, 2007. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/282881737_Memoria_da_ditadura_em_Caio_Fernando_Abreu_e_Luis_Fernando_Verissimo. Acesso em: abr. 2023.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. **Tintas: Quaderni di Letterature Iberiche e Iberoamericane**, Milão, n. 2, p. 199-221, 2012. Disponível em:
<https://riviste.unimi.it/index.php/tintas/article/download/2790/2999/0>. Acesso em: abr. 2023.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KUCINSKI, Bernardo. K. **Relato de uma busca**. São Paulo: Cosac Naify, 2014a.

KUCINSKI, Bernardo. **Você vai voltar pra mim e outros contos**. São Paulo: Cosac Naify, 2014b.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. V. III. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.** Rio de Janeiro, v. 20, n. I, p. 65- 82, 2008. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: abr. 2023.



SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a História e o esquecimento. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **História, memória, literatura**: o testemunho na Era das Catástrofes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 59-88.

